

anarquismo cristão e sua influência no brasil¹

gustavo ramus*

O escritor russo Liev Tolstói (1828-1910) repensou o cristianismo fora dos moldes da Igreja Ortodoxa, por meio de um estilo de vida simples, inconciliável com a estrutura estatal e a reprodução de vassalagem entre os homens. Com ele emergiu uma nova anarquia, a do anarquismo cristão. Os seguidores dessa vertente defendem o cristianismo primitivo e as primeiras comunidades cristãs, que viviam de forma alheia ao Estado romano, realizando o princípio da ajuda mútua. Avessos à constituição de propriedade, praticavam a divisão de bens e o alimento compartilhado.

Este artigo relata em três partes um pouco da história política do anarco-cristianismo. A primeira, apresenta uma abordagem libertária sobre a figura de Cristo, e passa pelas primeiras comunidades cristãs que exaltaram a idéia de pacifismo e insubmissão ao Estado, para depois aproximar anarquismo e cristianismo. A segunda aborda a repercussão dessa corrente de pensamento no Brasil. E a última estabelece uma reflexão sobre as práticas do anarco-cristianismo.

* Bacharel em Ciências Sociais. Mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e integrante do Nu-Sol.

Rebeldias cristãs

O cristianismo foi em seus primórdios um movimento de contestação ao domínio do Império Romano. Diferenciava-se das demais formas de resistências por combater o elitismo judaico. As palavras pronunciadas por Jesus eram diretas ao povo e se opunham ao poder dos homens. O Reino de Deus anunciado por ele não era uma promessa de vida após a morte, mas uma prática diária, um acontecimento que ultrapassava palavras conformistas por ações cotidianas, adversárias da continuidade romana. “O Reino de Deus não era, para Jesus, um monopólio divino exclusivamente ligado à sua própria pessoa. Começava no nível do corpo e aparecia como comunidade compartilhada de cura e alimentação (...) disponíveis para cada um e todos sem distinções, discriminações e hierarquias. Entrava-se no Reino como modo de vida, e quem quer que pudesse vivê-lo podia trazê-lo para os outros. Não eram palavras apenas, ou feitos apenas, mas ambos como estilo de vida.”²

Jesus lutava por uma emancipação do homem, e não política. “Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim.” (Mateus 20, 25-26). Não proclamava somente uma desobediência civil, mas também social, desafiando os costumes e valores de sua época. Propunha uma revolução interna, uma transformação de si, para despontar em uma sociabilidade igualitária. Os cristãos eram tidos como perigosos e subversivos, por isso Cristo foi condenado à morte pelo Estado romano, e seus seguidores foram alvos de prisões e apedrejamentos. Era um movimento marginal, executado na clandestinidade; os encontros eram noturnos, nas catacumbas subterrâneas, dando início à formação das primeiras sociedades secretas e movimentos conspiratórios.

Muitos atribuem às primeiras comunidades cristãs um caráter socialista, marcado pela ausência de propriedades e distribuição de bens. “Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles. (...) Não havia entre eles indigente algum, porquanto, os que possuíam terras ou casas, vendiam-nas, traziam o dinheiro e colocavam aos pés dos apóstolos; e distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade.” (Atos dos Apóstolos, 4, 32-35). Com o passar do tempo, os doze apóstolos passaram a exercer uma autoridade sobre o grupo, abstinham-se de certas tarefas, convocavam assembleias e postavam-se como juizes. Surgiu uma subdivisão dentro do grupo, um conflito envolvendo hebreus e helenistas e suas respectivas lideranças. Pode-se afirmar que as primeiras comunidades cristãs tinham um sistema igualitário, no entanto, não significa que adotavam práticas libertárias.

Liev Tolstoi foi o precursor do anarco-cristianismo. Ele escreveu diversos ensaios criticando a Igreja Ortodoxa, afirmando que esta pregava a fé de forma ostentadora e mentirosa. Por volta de 1879 foi excomungado. Afirmava que o homem que segue as escrituras sagradas não pode servir nem à Igreja e nem ao Estado. A conscrição era um dos atos mais violentos do governo. Sua idéia de cristianismo não concebia nenhuma forma de patriotismo. O cristão não pode subordinar-se a outros homens, pois é seu dever resistir ao Estado. Idealizava uma sociedade voltada para um comunismo agrário, baseada no cooperativismo, numa volta à natureza e num modo de vida simples. Em 1859 fundou uma escola, “Iasnaia Poliana”, voltada para os filhos dos camponeses. Adotou um sistema de ensino horizontal de livre experimentação, fechado pelo regime czarista alguns anos depois.

O cristianismo pensado por Tolstói não faz uso do poder pastoral,³ em sua prática não há intermediários entre Deus e o homem, Ele está no interior de cada um. “Servos de Deus, nós não sabemos servir a Deus, nós servimos apenas a nós mesmos e nutrimos a nós mesmos.”⁴ Sendo assim, o Reino de Deus pode ser entendido como o reino de si. Tolstói desconsidera a crença nos milagres relatados nos escritos bíblicos e resgata a idéia de uma proposta prática de vida. O cristianismo deve ser concebido racionalmente, jamais poderia ser imposto. Ele não acredita em Cristo como um ser divino, mas somente como um homem contestador.

Contra a autoridade, a maior arma é a desobediência. Tolstói acreditava que o uso da violência como forma de resistência era irracional e ineficaz. Para ele, os revolucionários que lançassem mão desse dispositivo seriam facilmente combatidos pelo Estado, pois ambos operam pelo mesmo meio. Já aqueles que abdicam da violência, apenas se negando a contribuir com a máquina do poder, são muito mais perigosos a qualquer soberano. “O homem livre e justo há de viver ignorando o governo. Não combatê-lo de frente, mas no princípio interno que o sustenta: o reconhecimento, a obediência.”⁵

A aproximação entre anarquismo e cristianismo causa um estranhamento inicial. São movimentos aparentemente opostos. A religião está no campo do dever e da obediência. Muitos anarquistas, como Mikhail Bakunin, tecem fortes críticas à religião, e vêem-na como um obstáculo para a emancipação do homem. “Deus sendo tudo, o mundo real e o homem não são nada. Deus sendo a verdade, a justiça, o bem, o belo, a força e a vida, o homem é a mentira, a iniquidade, o mal, a feiúra, a impotência e a morte. Deus sendo o senhor, o homem é o escravo. (...) Todos os homens devem-lhe uma obediência passiva e ilimitada, pois contra a razão divina não

há razão humana, e contra a justiça de Deus não há justiça terrestre que se mantenha. Escravos de Deus, os homens devem sê-lo também da Igreja e do Estado, enquanto este último for consagrado pela Igreja.”⁶ É impossível pensar o anarquismo com a construção de ídolos e dogmas.

O cristianismo primitivo e o anarquismo aproximam-se pela contestação ao reino dos homens, a insubmissão do homem diante do homem, a rejeição das leis de Estado, apesar de muitos cristãos submeterem-se à idéia de um Deus transcendente fazendo da igualdade uma vasalagem universal, todos igualmente servos de Deus.⁷ A negação da pátria, a vida longe das cidades, a misantropia, permitem olhar o cristianismo primitivo por um viés libertário. “Os cristãos não reverenciavam nenhum rei que comandasse seus passos ou a quem devessem qualquer tipo de obediência.”⁸ A insubmissão ao Estado era um preceito nos primórdios do cristianismo.

O anarquismo cristão no Brasil

No início do século XX, no Brasil, era comum entre os militantes socialistas e anarquistas, a leitura de autores como Friedrich Nietzsche, Oscar Wilde, Emile Zola, Piotr Kropotkin e Liev Tolstoi. Nesse período surgia uma nova literatura brasileira. Alguns escritores anarquistas lançaram livros criticando a sociedade da época e suas contradições. Autores como Fábio Luz (1864-1938) e Manuel Curvelo de Mendonça (1870-1914) traziam em suas obras elementos do tolstoísmo e propagavam os ideais anarquistas.

Manuel Curvelo de Mendonça, sergipano do Engenho de Quintas, formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Exerceu o cargo de chefe de seção na Intendência

Municipal do Rio de Janeiro, fez parte do Conselho de Instrução Pública e foi professor e diretor do Instituto Comercial do Distrito Federal. Curvelo aderiu ao anarquismo depois de entrar em contato com os escritos de Liev Tolstoi. O anarquista sergipano publicou diversos artigos em jornais e revistas, escreveu alguns contos e um romance: *Regeneração*, em 1904. Nesse livro fica clara a sua adesão ao tolstoísmo, idealizando uma vida mediada pelo amor, pela solidariedade e pelo princípio da ajuda mútua.

O médico baiano Fábio Luz publicou diversos livros, dentre os quais *Os emancipados* e *Virgem Mãe*; algumas peças de teatro, como *A Paz do Senhor*, *Para tão grande amor tão curta vida* e *Antheros*; escreveu também dois livros escolares e um estudo teórico sobre a educação, sem contar as grandes contribuições para diversos periódicos anarquistas. O romance de Fábio Luz que mais aparece junto à corrente de pensamento tolstoiana é *O Ideólogo*, datado de 1903. Apesar da forte influência de Tolstoi, Kropotkin é muito mais presente no pensamento de Fábio Luz.

Os livros *Regeneração* e *O ideólogo* são denominados por Manuel Curvelo como “literatura útil”. “Ambiciosamente, acreditava que, através dela, ‘literatura útil’, o Brasil adquire consciência de si mesmo e aborda as grandes correntes universais do pensamento moderno.”⁹ Dentro dessa nova geração de literatos encontram-se nomes como Graça Aranha, autor de *Canaã*, amigo de Fábio Luz e Manuel Curvelo, embora não tivesse aderido à militância anarquista; Domingos Ribeiro Filho, autor de *O cravo vermelho*; Rocha Pombo, que aparece como escritor espiritualista e cristão; e Avelino Fóscolo, que dizia ter princípios filosóficos próximos de Jean Grave, Reclus e Tolstoi. Essa nova geração de escrito-

res fundou um novo estilo na literatura brasileira, emprestando-lhe nova cara e forma.

Em 1904, foi fundada a Universidade Popular, a primeira da América do Sul, voltada apenas para operários. Participaram dessa experiência Felisbello Freire, Fábio Luz, Rocha Pombo, Manuel Curvelo de Mendonça, Elysio de Carvalho, Pedro Couto, Sinésio de Faria, entre outros. Apesar da importância histórica para o movimento anarquista a experiência não teve longa duração.

Maria Lacerda de Moura foi pioneira do feminismo no Brasil e uma das poucas mulheres a se envolver com o movimento operário e sindical. Nasceu em Minas Gerais, no dia 16 de maio de 1887. Foi escritora, professora e jornalista. Desde cedo se interessou pelas idéias anti-clericais, pelo pensamento anarquista e pela pedagogia libertária. Por ser mulher, enfrentou muitas dificuldades e, em diversos momentos, rompeu com alguns anarquistas. Certa vez, declarou em um de seus livros, que além de Jesus Cristo não conhecia outros anarquistas. Considerava-se uma individualista, pacifista e seguidora da linha espiritual de Jesus e Tolstoi. Com sua personalidade forte, aderiu ao pensamento antimilitarista e se dizia uma objetora de consciência.¹⁰ Foi influenciada pela feminista e educadora sueca Ellen Key e pelo espanhol Francisco Ferrer y Guardia. Maria Lacerda ajudou a formar a Liga Contra o Analfabetismo. Acreditava em uma educação livre, com o objetivo de desenvolver as aptidões próprias de cada pessoa, incentivar a curiosidade da criança e fazer da vida um aprendizado, no qual, a formação do indivíduo estivesse relacionada com suas experimentações.

Influenciado pelo anarquismo cristão, Aníbal Vaz de Melo escreveu em 1956 sua principal obra *Cristo: o maior dos anarquistas*. O livro narra a itinerância de um Jesus

revolucionário, que não só lutava contra o Império Romano, mas também contra os costumes conservadores de sua época. A exposição de Anibal Vaz de Melo é exagerada, aponta Cristo como anarco-individualista, e comete alguns deslizes, ao aproximar Marx e Lênin do pensamento anarquista.

O anarquismo cristão não foi muito difundido no Brasil, e sempre se restringiu a um número muito pequeno de adeptos. Elysio de Carvalho escreveu em um artigo que, “desenvolve-se também dentro do comunismo, sem, no entanto, conseguir muitos adeptos, a doutrina tolstoiana, o comunismo de Cristo, que foi discípulo dos Essênios, envolto numa auréola de misticismo e de passividade, corrente que é defendida por Manuel Curvelo de Mendonça, Juan Corona e Pereira da Silva.”¹¹

Muitos imigrantes difundiram os ideais anarquistas no Brasil. O alemão Friedrich Kiniested encabeçou campanhas antimilitaristas na Alemanha e na França. Dizia-se influenciado por autores como Pierre Joseph Proudhon, Piotr Kropotkin, Max Stirner, Mikhail Bakunin e Friedrich Nietzsche, mas foi Liev Tolstoi quem mais influenciou seu modo de agir e pensar. Fugitivo da polícia alemã, embarcou rumo ao Brasil no dia três de junho de 1909. Chegando ao Rio de Janeiro, Kiniested dirigiu-se a Ivaí, onde viveu em uma colônia de homens livres chamada *zukunft*, que significa “futuro”. “O plano de colonização estava claramente delimitado: comunismo, vegetarianismo, comida não cozida, nudismo e, o que é natural, volta à natureza.”¹² Morou dois anos na roça, submeteu-se a um trabalho semi-escravo numa fazenda de café em São Paulo e trabalhou na cervejaria Antártica, até que foi obrigado a retornar para a Alemanha devido à doença de seus filhos.

A repressão na Alemanha estava cada vez mais forte, o que fez com que ele fugisse novamente para o Brasil. Dessa vez foi com sua família para a colônia federal de Japó, próxima de Ponta Grossa, Paraná, onde moravam por volta de sessenta famílias, cada uma com um lote de terra. Eles constituíram uma associação livre, sem estatutos. Trabalhavam de acordo com o princípio do auxílio mútuo, do cooperativismo. Na comunidade não se falava em patriotismo ou civilização, somente em companheirismo. Não havia igrejas, servos ou religião predominante. Cada um acreditava naquilo que achava correto. Depois de viver três anos nessa colônia mudou-se para Porto Alegre, ingressou no movimento anarco-sindicalista e ajudou a criar a União Geral dos Trabalhadores de Porto Alegre. Ficou conhecido como “professor greve”. Em 1925 abriu a Livraria Internacional, onde vendia livros proibidos na Alemanha, em sua maioria de conteúdo anarquista. Sua livraria era criticada e às vezes apedrejada, tanto por nazistas quanto por comunistas, e ele dizia: “Apanhei de fascistas e bolchevistas e posso constatar que ambos são igualmente brutais.”¹³ Foi condenado duas vezes por crimes políticos na Alemanha e preso cinquenta e duas vezes no Brasil.

Dentre os anarquistas cristãos no Brasil, o filósofo Mário Ferreira dos Santos é, certamente, um dos nomes mais importantes. Iniciou seu trabalho traduzindo obras de autores como Pascal, Balzac e Nietzsche, prefaciando *Vontade de potência*. Seu primeiro ensaio filosófico, *Se a Esfinge falasse*, foi publicado com o pseudônimo de Dan Andersan. Em 1945 conheceu Jaime Cubero e passou a freqüentar o CCS, Centro de Cultura Social, um dos mais importantes núcleos anarquistas de São Paulo da primeira metade do século. Freqüentemente era escolhido para palestrar no Centro de

Cultura e, muitas vezes, era pego de surpresa. Nessas ocasiões, discutia com a platéia qual seria o tema e iniciava a palestra na mesma hora. Foi muito importante na formação de vários anarquistas, como Jaime e Chico Cubero e outros militantes do CCS, assim como Maurício Tragtenberg. Fundou sua própria editora, a *Logos*, pela qual publicou seus livros. Freqüentava a sociedade naturalista “Amigos da Nossa Chácara”. Mencionava constantemente Kropotkin, Tolstoi e Pierre Joseph Proudhon. No entanto, criticava seus companheiros por se prenderem aos pensadores do século XIX e fazerem do anarquismo uma doutrina, não uma atitude, uma ação voltada para o presente. Acreditava no cooperativismo, e que o libertarismo estava atravessado pela ciência, tanto quanto por uma filosofia posta como uma prática de vida. Seus estudos se firmavam sobre três pontos: o cristianismo, o anarquismo e o pensamento desenvolvido pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Sobre o cristianismo, Mário Ferreira publicou: *O Homem perante o infinito; Tese da existência e da inexistência de Deus; Cristianismo: a religião do Homem; O Apocalipse de São João; Opúsculos famosos de Tomás de Aquino; e Assim Deus falou aos homens.*

Na concepção de Mário Ferreira dos Santos, o cristianismo é uma filosofia superior, uma prática libertária, e o sentimento cristão é definido como vontade de superação. Para ele, é impossível pensar em socialismo sem liberdade e uma ética cristã. O cristianismo é aplicável em qualquer circunstância imaginável, independentemente do país, da época ou de status. Segundo Ferreira dos Santos, a liberdade exige um entendimento, a ignorância é um obstáculo para o homem livre. É nesse ponto em que se aproxima de Tolstoi, ao submeter a fé cristã à racionalidade, não a transformando em uma forma de submissão. Entretanto, Mário Ferreira

dos Santos vai além do pensamento de Tolstói e aproxima o cristianismo de uma perspectiva nietzscheana. A ética cristã exige um movimento de voltar-se para si. Mário Ferreira dos Santos pensa no cristianismo como uma religião natural que determina a afirmação de si. Tal afirmação parte em busca da superação do homem. “A elevação do homem exige coragem (...). Corajosos são os que se dedicam a aumentar o seu saber.”¹⁴ A superação do homem é um dever ético. Essa idéia de superação pode ser relacionada no *super-homem* que Nietzsche desenvolve em *Assim falou Zaratustra*. “O homem tem o dever de superar-se constantemente.”¹⁵ A idéia de superação por meio de uma filosofia, lançando mão de uma eticidade, é claramente afirmada pelo autor. Porém, é importante ressaltar que Mário Ferreira dos Santos parte de um olhar singular do cristianismo. Nietzsche aponta várias ressalvas contra a igualdade uniformizadora e a idolatria, mostra o cristianismo como uma negação da vida. Para Nietzsche, o cristianismo é a religião da piedade que conduz ao nada, à miséria humana. É realmente difícil conceber um alinhamento do pensamento desterritorializante do filósofo alemão com o cristianismo, que por sua vez está atravessado por uma moral e, sobretudo, por um dever fraternal de amor ao próximo.

O tolstoísmo foi difundido de diversas maneiras, seja pela “literatura útil” de Manuel Curvelo de Mendonça e Fábio Luz no início do século XX, seja pela pedagogia libertária, pelo pensamento antimilitarista e pacifista de Maria Lacerda de Moura, por comunidades naturistas como as vividas pelo imigrante anarquista Friedrich Kniested, ou então por meio da filosofia desenvolvida por Mário Ferreira dos Santos, apontando o cristianismo como forma de superação do homem.

Práticas do anarquismo cristão

O anarco-cristianismo pode ser pensado na forma de comunidades que estabelecem relações recíprocas de poder, operando pelo princípio da ajuda mútua e do cooperativismo. Tais comunidades poderiam ser analisadas na perspectiva com que Pierre Clastres estuda as sociedades primitivas.¹⁶ Sociedades sem Estado, homogêneas e indivisas, onde o poder não está separado do corpo social, marcadas pela não-dominação, ao contrário das demais sociedades, que são determinadas por uma divisão entre dominantes e dominados. No primitivismo, a esfera política não se distingue da esfera social, de forma que não existe um órgão separado do corpo social responsável pelo exercício do poder. O discurso do chefe não está contaminado por uma idéia intrínseca de comando-obediência. O poder sempre é acompanhado de dívida, em uma sociedade indivisa, como a primitiva, a relação de dívida é da chefia para a sociedade. O líder tem como característica a generosidade e o domínio da oralidade. A sociedade primitiva é contra o Estado. Tais comunidades são atravessadas por um naturalismo, estabelecem-se sobre o preceito de um equilíbrio ecossistêmico, uma relação harmônica com a natureza. Nelas não há fronteiras nem concepções patrióticas.

Outra perspectiva do anarquismo cristão é mais individualista. Trata-se de um investimento de si, que lança mão dos cuidados de si, resultando, entre outros desdobramentos, na insubordinação ao governo dos homens. A insubmissão é o ponto mais forte da doutrina tolstoiana, mas pode ser encontrada em outros pensadores que o antecederam, como por exemplo, Etienne de La Boétie: “Para La Boétie não é preciso guerrear para ser livre, basta não servir mais ao soberano. Elaborando um vetor no sentido inverso de Maquiavel, não

está mais em discussão maneiras pelas quais os súditos podem desestabilizar um soberano, mas a afirmação de outras existências alheias ao príncipe e capazes de anular o sentido da autoridade centralizada. Não é por meio da política e da guerra que se encontra liberdades ou garantias de vida. O ato de pronunciar-se contra o Um institui outras possibilidades de vida. Diante da política e da sociedade, La Boétie insinua a vida em associações livres de amigos que pelas suas próprias existências inibem, até a anulação, a pertinência do soberano e da autoridade centralizada. O autor está interessado em mostrar a liberdade do soberano de si diante do soberano sobre todos nós.”¹⁷

A religião é uma reflexão do homem sobre si mesmo. Está em jogo tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação e transformação. Filosofar é cuidar da alma. Os cuidados de si poderão ser encontrados na sociedade de amigos epicuristas, bem como no desencanto com o governo dos estóicos e na aversão ao governo dos homens no cristianismo. Os cuidados de si desestabilizam hierarquias, arruinam a idéia de Estado na afirmação de si, embora o cristianismo o tenha transformado em exame de consciência. O anarco-cristianismo só pode ser concebido como um estilo de vida, jamais como um modelo.

Notas

¹ Este artigo apresenta o resultado da pesquisa de iniciação científica “Cristianismo primitivo e anarco cristianismo: uma prática de libertação?”; apresentada, em março de 2007, ao Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP e à Comissão de Pesquisa e Extensão da PUC-SP, financiada pelo CNPq e premiada como melhor trabalho de iniciação científica do departamento de Política em 2007.

- ² Jonh-Dominic Crossan. *Jesus: uma biografia revolucionária*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1995, p. 126.
- ³ Sobre o poder pastoral ver: Michel Foucault. “Omnes et singulatim: uma crítica da razão política” in *Estratégia de poder-saber vol. 4*. Tradução de Vera Lucia Avellos Ribeiro. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003, pp. 355-386.
- ⁴ Liev Tolstoi. *Os três anciãos*. Tradução de Boris Schnaiderman, Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997, p. 121.
- ⁵ Liev Tolstoi. *O reino de Deus está em vós*. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994, p. 13.
- ⁶ Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo, Imaginário, 2000, p. 28.
- ⁷ Para melhor entender a idéia de vassalagem universal, ver: Max Stirner “Algumas observações provisórias sobre o Estado fundado no amor” in *Verve vol. 1*. São Paulo, Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária, 2002.
- ⁸ Richard Sennett. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro, Record, 2001, p. 113.
- ⁹ Flavio Venâncio Luizetto. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. São Paulo, Tese de Doutorado pela USP, 1984, p. 173.
- ¹⁰ O Movimento dos Objetores de Consciência teve propagação internacional. Eles desenvolveram uma luta contra o serviço militar obrigatório e o direito à insubmissão. Incentivavam a população a desobedecer as imposições militares e se postavam contra a inserção das mulheres nas forças armadas.
- ¹¹ Moacir Medeiros de Sant’Ana. *Elysio de Carvalho, um militante do anarquismo*. Maceió, Arquivo Público de Alagoas, 1982, p. 37.
- ¹² Friedrich Kniested. *Memórias de um imigrante anarquista*. Organização e tradução de René E. Gertz. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989, p. 75.
- ¹³ Idem, p. 136.
- ¹⁴ Mário Ferreira dos Santos. *Cristianismo: a religião do Homem*. Bauru, EDUSC, 2003, p. 44.
- ¹⁵ Idem, p. 47.
- ¹⁶ Ver Pierre Clastres. *Arqueologia da violência*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.
- ¹⁷ Edson Passetti. “A arte da amizade” in *Verve vol. 1*. São Paulo, Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária, 2002, p. 34.

RESUMO

O anarquismo cristão manifesta-se como forma de resistência pacífica, lançando mão da insubmissão para desestabilizar o poder soberano. Acredita no Reino de Deus como um estilo de vida. Corrente política iniciada pelo escritor russo Liev Tolstoi, influenciou práticas, experimentações e produções, literárias e filosóficas, de alguns militantes anarquistas brasileiros.

Palavras-chave: anarquismo, cristianismo, insubmissão.

ABSTRACT

Christian anarchism presents itself as a way of non-violent resistance, being unsubmitive to distabilize the sovereign power. It believes in God's kingdom as a lifestyle. It is a political path initiated by the Russian writer Liev Tolstoi and had an influence on practices, experiments, literal and philosophical productions of some Brazilian militant anarchists.

Keywords: anarchism, Christianity, insubmission.

Recebido para publicação em 2 de outubro de 2007. Confirmado em 17 de fevereiro de 2008.